



O grupo de emigrantes portugueses à chegada a Portugal

LISA SOARES / GLOBAL IMAGES

Alemanha

Para Portugal e depressa

O regresso precipitado pode ter prejudicado os direitos a indemnização dos emigrantes esfaqueados, recentemente, em Berlim

220

Incidentes violentos envolvendo extremistas de direita, em Treptow-Köpenick

HELGA SEYB NEM QUIS ACREDITAR quando soube que cinco dos sete operários portugueses agredidos na sexta-feira, 8, regressaram a Portugal, quatro dias após o ataque sofrido em Berlim. A responsável da ReachOut, instituição financiada pelo Senado berlinense que presta apoio a vítimas de violência xenófoba afirma que «foi o pior que podiam ter feito». «O risco de perderem muitos direitos é enorme. Duvido que tenham sido devidamente informados.»

Os operários agredidos deviam ter ficado na Alemanha para reunirem todos os dados, como relatórios médicos e fotografias dos ferimentos, a fim de poderem exigir indemnizações quando os criminosos forem apanhados e, então, constituírem-se assistentes no processo. «Não deviam tê-los deixado partir sem preencherem o pedido especial de indemnizações ao Estado alemão», acrescentou Helga Seyb. Das várias facadas que Volodimir Vygosvskiy levou, uma perfurou-lhe o fígado. O português de origem ucraniana foi dos mais brutalmente atingidos. Regressou na sexta-feira, 22, e conta que não obteve qualquer informação sobre o que fazer para ser indemnizado. Outro, Francisco Soares, teve de ser operado e regressou no dia 23. Os restantes cinco entraram, na madrugada de quarta-feira, 13, num autocarro para percorrerem os 2 600 quilómetros até ao Porto. De acordo com António Lima, porta-voz da GonstuGomes, a empresa para a qual trabalhavam através de subempreiteiros, foram eles quem escolheu convalescer em Portugal. **ANTÓNIO CASCAIS, NA ALEMANHA, E FRANCISCO GALOPE**

O BAIRRO

Treptow-Köpenick é um dos principais centros do extremismo de direita, em Berlim. É lá que se situam, entre outros, a sede federal do partido neonazi NPD. Alguns guias da cidade aconselham cautelas aos visitantes que ali se queiram deslocar



Eventos de empresas na mira dos novos donos

Fernandes à VISÃO. «A fim de angariar novas formas de receitas vamos concentrar-nos em apostar mais em corporate events [eventos de empresas].» Para conseguirem a resposta positiva da Autoridade da Concorrência foi preciso anular a exclusividade da BlueTicket (que faz parte da empresa) na venda de bilhetes para eventos no Pavilhão Atlântico e Luís Montez teve de alienar a sua participação, como acionista, na concorrente Ticketline. O novo consórcio deve tomar oficialmente posse da sociedade dentro de duas semanas. A médio e longo prazo, o futuro pode trazer novas formas de promoção e projetos associados à marca Arena Atlântida.

ADRIANA MORAIS